

**LEONIE MOREIRA DA FONSECA**



**VIVÊNCIAS ATRAVÉS DA ARTE**  
**A sustentabilidade no Ensino de Artes**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2016

**LEONIE MOREIRA DA FONSECA**

**VIVÊNCIAS ATRAVÉS DA ARTE**  
**A sustentabilidade no Ensino de Artes**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Gabriela Maria Garzon

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2016

Fonseca, Leonie Moreira da, 1979.  
Vivência através da Arte - A sustentabilidade no Ensino de Artes -  
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Leonie Moreira da Fonseca. – 2016.

16 f.

Orientador (a): Gabriela Maria Garzon

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de  
Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Macedo, Juliana Gouthier. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada Vivência através da Arte - A sustentabilidade no Ensino de Artes , de autoria de Leonie Moreira da Fonseca, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Gabriela Maria Garzon  
Orientadora/Mestre/CEEAV/EBA/UFMG

---

Profa. Kleumanery Melo Barbosa  
Titular da Banca/Mestre/CEEAVEBA/UFMG

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2016

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 EVOLUÇÃO DO ENSINO DE ARTES E MINHAS APRECIÇÕES COMO EDUCADOR</b> .....	<b>1</b>
1.1 DIÁRIO DE BORDO_ PRÁTICA DA ARTE .....	3
1.1.1 TRAJETÓRIA E APRENDIZADO .....	4
1.2 INTERCÂMBIO CULTURAL PELOS PAÍSES ANDINOS .....	6
1.3 ESCOLHA PROFISSIONAL .....	13
<b>Artesanato feito com papel machê, biscuit e pátina em madeira.</b> .....	<b>15</b>
<b>Imagens e referências aos objetos artísticos- (criações pessoais)</b> .....	<b>15</b>
<b>2 ENSINAR E APRENDER ARTE</b> .....	<b>15</b>
<b>3 OPÇÕES A SEREM UTILIZADAS PARA QUE AS AULAS DE ARTE SEJAM MAIS PROVEITOSAS E CONSOANTES À LEGISLAÇÃO</b> .....	<b>22</b>
3.1 PAPEL MACHÊ – ARTE COM SUSTENTABILIDADE .....	23
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>28</b>
<b>Anexo – Proposta de plano de aula: Projeto Pedagógico</b> .....	<b>30</b>



## **INTRODUÇÃO**

Através desta monografia, narro a minha trajetória biográfica enquanto profissional apreciador e observador atento. Desde a minha adolescência, no que diz respeito ao campo das artes em geral. Sempre fui um praticante convicto de que há em cada um de nós, uma inesgotável fonte artística que, se estimulada, gera descobertas que se culminarão em experiências importantes ao nosso desenvolvimento interior e à nossa sociabilização.

No decorrer deste trabalho, proponho através do estudo em Artes Visuais, ações voltadas para pesquisas, questionando o entendimento do que é Arte. Tive uma trajetória, iniciada com viagens, intercâmbios culturais, e intervenções artísticas, oriundas da minha busca pessoal pela Arte. Através da graduação e especialização, exerço um ensino-aprendizagem voltado às práticas vivenciadas e adquiridas, onde, dentro de uma perspectiva social sustentável, desenvolvi a técnica do papel machê com os alunos.

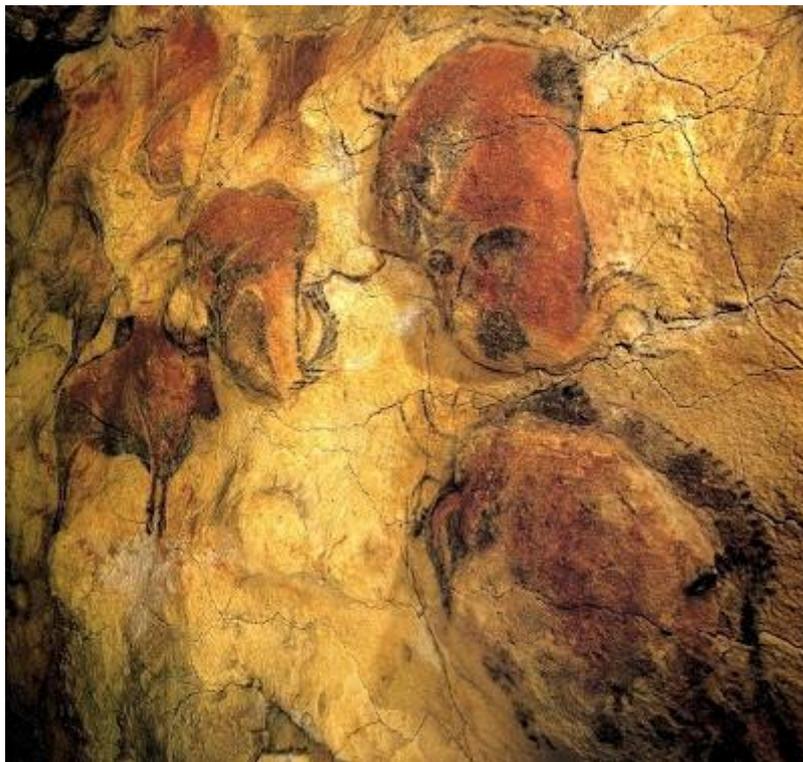
Menciono, também, o fato de que o conteúdo Arte não pode ser isolado dos demais conteúdos pedagógicos, ministrados na Escola Básica. Há, portanto, de se ter uma interdisciplinaridade.

Faz-se necessário mostrar a prática individual como exemplo de perseverança para se tornar um bom profissional, assim como ampliar o conhecimento nos estudos. Evidencio em pesquisas, experiências, descobertas e práticas, uma definitiva escolha da profissão de professor e ênfase que as aulas de Artes podem unificar a teoria e a prática, promovendo o bom desempenho do aluno.

## **1 EVOLUÇÃO DO ENSINO DE ARTES E MINHAS APRECIÇÕES COMO EDUCADOR**

Historicamente, o crescimento e evolução da espécie humana, os meios de conduzir o ensino de Arte, propõe um caminho de fato, cheio de dimensões. A Antropologia nos mostra com as descobertas de nossos ancestrais, desde a pré-história. Podemos decifrar com mais detalhes, segundo a autora Carol Strickland:

Um dos períodos mais fascinantes da história humana é a Pré-História. Esse período não foi registrado por nenhum documento escrito, pois é exatamente a época anterior à escrita. Tudo o que sabemos dos homens que viveram nesse tempo é o resultado da pesquisa de antropólogos, historiadores e dos estudos da moderna ciência arqueológica, que reconstituíram a cultura do homem. Os primeiros objetos artísticos criados pelo homem não foram criados para adornar o corpo ou decorar cavernas, e sim com o intuito de controlar ou aplacar as forças da natureza. Ou seja, hoje consideramos arte rupestre, mas na época os homens não faziam essas pinturas e objetos com intuítos artísticos, mas sim de sobrevivência, poder e magia. O homem passou da mentalidade **Neandertal a Cro-magnon**, ou seja, ao invés da mentalidade do homem estar voltada à construção de instrumentos como era anteriormente, passou a ser voltada à construção de imagens.



Pinturas rupestres da caverna de **Altamira, na Espanha** (14.000 a.C.). Imagem retirada do livro *Arte comentada: da pré-história ao pós-modernismo*. Carol Strickland, ph. d.-RJ: Ediouro, 2003)

Valores multiplicaram-se formando um acervo cultural aprimorado em diversos setores da humanidade. Nas artes visuais, um mundo bem definido, com suas formas e cores enriquecidas de experimentos inovando a arte aos quatro cantos do mundo. A imaginação passional do ser humano nos leva a entender como os processos dissipam a curiosidade da civilização. As danças, músicas e representações teatrais, também vieram incrementando este interesse em se preocupar e em apresentar formas de levar a uma descoberta ideológica representante de um acervo cultural que faz o homem se identificar com arte. Em situações onde desenvolviam melhores condutas de formação social e transmissão do que aprendia.

Nada existe realmente a que se possa dar o nome de arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém dar o nome de arte a todas essas atividades, desde que se conserve em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes, e que arte com A maiúsculo não existe. (Dewey, 1925-1953).

Este caminho da arte, conduzido evolutivamente desde a pré-história ao pós-modernismo, nos leva a entender, com leituras expressivas como, por exemplo, pelo livro *Arte comentada* de Carol Strickland, com suas páginas cheias de apresentações dinâmicas e uma linguagem visual com mais de trezentas ilustrações, surgem ideologias fundamentadas sob um grande passo, em transmitir a arte na educação de forma conhecedora e mediante, conquistando meios que pudessem tornar capaz uma melhor compreensão sobre o que a vida nos mostra em referências históricas. Uma maneira de conduzir apresentações claras e remanejadas aos alunos em ensino de arte.

Já fazem dez anos que venho conquistando este modelo crítico/observador, que me fazem conseguir trilhar e evoluir. As práticas pedagógicas proporcionam reconhecimentos que me faz seguir desbravando diferentes olhares sobre o ensino de artes.

Em minha monografia, apresento uma relação experimental com técnicas e criações bastante interessante com papel machê. Repercutindo fundamentos evolutivos da imaginação e organização corporal de fácil manuseio. Podendo ser uma ideia em todos os níveis e modalidades de ensino.

### 1.1 DIÁRIO DE BORDO\_ PRÁTICA DA ARTE

Em minha trajetória estudantil do Ensino Fundamental, realizei vários trabalhos envolvendo aulas de geometria, com cartazes de diferentes gêneros textuais e artísticos, maquetes, pinturas em geral, feiras culturais, o que me proporcionou desenvolver a minha aptidão artística. Sendo assim, experiências várias transformaram a minha criatividade.

Pelos idos anos da década de 1990, não havia na grade curricular a disciplina Arte. Essas ações artísticas eram realizadas com interdisciplinaridade, ou seja, com outros conteúdos pedagógicos.

### 1.1.1 TRAJETÓRIA E APRENDIZADO

Fui construindo minha própria concepção artística. Aos dezoito anos, explorei vários lugares em Minas Gerais, turísticos ou não. Em Tiradentes-MG, por exemplo, cujo artesanato já era promissor, conheci e me inspirei nos trabalhos artísticos que lá eu via, produzindo, então, objetos artísticos tais como: artigos de decoração, bijuterias, enfeites para o lar, etc.

Artesanato tradicional: Artefatos com forte expressão e relação com o folclore e as tradições de uma determinada região ou grupo social. Artesanato contemporâneo ou conceitual: Artefatos criados e produzidos por indivíduos com maior grau de escolaridade, em geral do meio urbano. Estes produtos são determinados por uma demanda de mercado, com motivos, inspirações, iconografias e materiais influenciados pela moda ou pelas expressões de artes. Artesanato popular: Produtos utilitários produzidos com sobras industriais ou com materiais reciclados. (barroso, 2001)

Assim, em continuidade aos meus objetivos profissionais, me integrei à Associação dos Artesãos, com sede e loja existente em minha cidade (Antônio Carlos-MG), com o apoio da Secretaria de Cultura e da Prefeitura, no ano de 2000, cujo nome era Arte Real, escolhido pelo fato da cidade pertencer à Estrada Real. Funcionava em um local municipal, no centro da cidade, tombado pelo Patrimônio Histórico.

O objetivo de tal associação era diversificar, propagar e tornar reconhecidos os produtos feitos pelos artesãos da cidade e região. Com o passar do tempo, tive a oportunidade de ter o cargo de presidente, através da votação dos artesãos integrantes. Com isso, fizemos parte de várias feiras regionais, divulgando o nosso trabalho, o que acontece até hoje.



Sede da Associação Arte Real- Antônio Carlos-MG.

Espaço cedido pela prefeitura municipal, onde participo como presidente do grupo.

( foto: Leonie Moreira da Fonseca, 2012)



Interior da loja Arte Real, onde procurei retratar os trabalhos feitos pelos artesãos da cidade.

( Foto: Leonie Moreira da Fonseca , 2012.)

Mas, por fatores externos a nós, como por exemplo, a falta de reconhecimento pela população da nossa Associação, trouxeram, como consequência, pouco investimento, produção e comercialização precárias dos produtos, fazendo-a findar. Por acreditar no potencial cultural, estético e comercial dos meus objetos artísticos, não me desmotivei diante de tal perda.

Já existem muitas teorias sobre a arte. Se há alguma justificativa para propor mais uma filosofia do estético, ela tem de ser encontrada em uma nova abordagem. Combinações e permutações entre teorias existentes podem ser facilmente propostas pelos que têm essa inclinação. Para mim, porém, o problema das teorias existentes é que elas partem de uma compartimentalização pronta ou de uma concepção da arte que a "espiritualiza", retirando-a da ligação com os objetos da experiência concreta.

A alternativa a essa espiritualização, entretanto, não é a materialização degradante e prosaica das obras de arte, mas uma concepção que revele que maneira essas obras idealizam qualidades encontradas na experiência comum. Se as obras de arte fossem colocadas em um contexto diretamente humano na estima popular, teriam um atrativo muito maior do que podem ter quando as teorias compartimentalizadas da arte ganham aceitação geral. ( Dewey ,1925-1953, p. 71 e p. 72)

Eu me reorientei profissionalmente, adaptando a minha própria sobrevivência às habilidades manuais, e aos interesses do público consumidor.

Quando os objetos artísticos são separados das condições de origem e funcionamento na experiência, constrói-se em torno deles um muro que quase opacifica sua significação geral, com a qual lida a teoria estética. A arte é remetida a um campo separado, onde é isolada da associação com os materiais e objetivos de todas as outras formas de esforço, sujeição e realização humanos. Assim, impõe-se uma tarefa primordial a quem toma a iniciativa de escrever sobre a filosofia das belas-artes. Essa tarefa é restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecido como constitutivos da experiência. Os picos das montanhas não flutuam no ar sem sustentação, tampouco apenas se apoia na terra. (Dewey ,1925-1953, p. 60).

## 1.2 INTERCÂMBIO CULTURAL PELOS PAÍSES ANDINOS

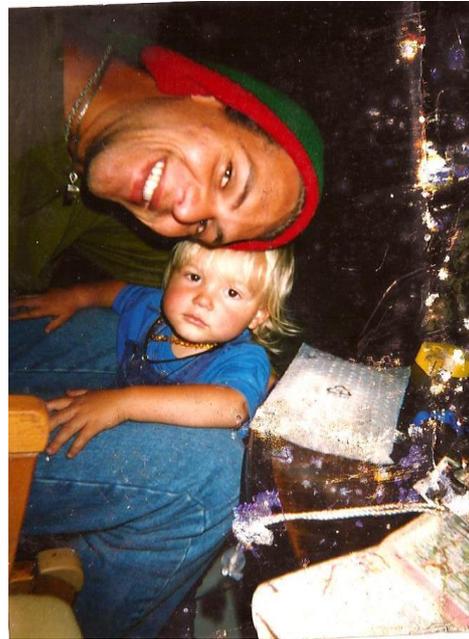
A minha experiência artística, proporcionou-me uma formação contínua através de viagens, por diferentes culturas. Isto me proporcionou um intercâmbio enriquecedor. Estas e outras formas de buscar o conhecimento demonstraram-me a real compreensão das diferentes culturas pelos Países Andinos. Com um vasto material artístico, feito por mim, e com uma curiosidade própria, conheci lugares inusitados, comercializando pelas praias, e por outros pontos turísticos, buscando sempre inteirar-me das diferentes culturas, do rico artesanato, passado de geração em geração.



Na primeira imagem , estou trabalhando como artesao em praias. Na segunda apresento uma exposição de prata em Potosí – Bolívia. E a terceira imagem, Buenos Aires-centro- Argentina.

Esta trajetória iniciou-se em Buenos Aires (Argentina), o qual me trouxe valores hist3ricos portenhos, indo às feiras tradicionais, aprendendo o idioma, relacionando-me com as pessoas, pesquisando o acervo das Bibliotecas

locais. Enfim, lá permaneci por três meses, registrando a cultura de cada lugar visitado.



Estas imagens mostra momentos que passei em diferentes lugares , como ruínas pré-colombianas na Argentina, fotos que tirei em uma cachoeira no Peru e dos traços europeus dos nativos colombianos.

A próxima parada foi na Bolívia com sua geografia singular e clima frio e seco, que impressionam a quem conhece. Interessante também são as maneiras de se adaptar e de fazer acontecer ações voltadas à arte, como, por exemplo, a necessidade em tecer lã, por conta do clima, evidenciando um vasto conhecimento dominante de tecelagem com fios e criações múltiplas. As famílias

com características indígenas apresentam uma vida cheia de valores culturais e ancestrais, transmitindo uma energia boa a todos que os visitam. Esta ancestralidade Inca observa-se pelo modo de vida, pela culinária e adaptação às altitudes.



A primeira imagem é de uma dança típica boliviana às margens do lago Titicaca e a segunda um casal de senhores em viagem em um trem no Equador.

Dando continuidade à minha viagem, a próxima parada foi o Peru, com uma cultura forte por todo o País. Passei por centros turísticos, vi que o País é portador de um grande exemplo de cultura, com grandes ruínas do período pré- colombiano exemplificado pela famosa cidade de Machu Picchu com seu ambiente desabitado. Os moradores da região moram em Aguas Calientes que é a cidade base para o turismo em Machu Picchu. Existe só um hotel que fica em frente à entrada da cidade Inca mesmo assim fora do sítio de preservação que é conservada pelo governo do Peru. Já o Equador e a Colômbia se movem pela agricultura e pelos vulcões que circundam a Cordilheira dos Andes. Modos de sobrevivência desses povos são controlados pelo fator político-econômico, em contraste com suas tradições culturais milenares. Durante dois anos, armazenei dados enfatizando o intercâmbio cultural, entendendo e levando esse saber para toda a vida. A proximidade com a arte destes países me mostrou que não há fronteiras que impeçam o intercâmbio cultural.







As fotos acima são imagens de um vulcão em áreas peruanas , ruínas astecas e uma praia do norte da Colombia.

Em algumas fronteiras cruzadas, não era necessário carimbar o passaporte, porque o Brasil apresenta relações diplomáticas muito favoráveis. Mas eu sempre pedia aos guardas responsáveis pelas aduanas que registrassem com carimbos para que eu pudesse ter uma lembrança para mostrar aos amigos e familiares os caminhos por onde andei. Veja nas imagens abaixo alguns exemplos destes registros:



Demonstração de carimbos de diferentes fronteiras em meu passaporte.

A harmonia interna só é alcançada quando se chega de algum modo a um entendimento com o meio. Quando ele ocorre em outras bases que não as "objetivas", é ilusório nos casos extremos, a ponto de chegar à insanidade. Felizmente, para a variedade da experiência, chega-se a entendimentos de muitas maneiras - maneiras decididas, em última análise, pelo interesse seletivo. Os prazeres podem advir mediante o contato fortuito e a estimulação; tais prazeres não devem ser desprezados em um mundo repleto de dor. Mas a felicidade e o gozo são um tipo de coisa diferente. Surgem por meio de uma realização que alcança as profundezas de nosso ser - uma realização que é uma adaptação de todo o nosso ser às condições de vida. (Dewey, 1925-1953, p. 80).

Este relato esclarece o quanto podemos identificar os valores culturais, como suporte experimental e uma autoajuda em compreender formas prazerosas de conduzir o ensino de arte, determinando caminhos enriquecedores da diversidade que temos através de uma junção de conhecimentos em diferentes países fortificando esclarecimentos vivenciados não somente em um acervo literário e sim presencial. Mostrando que podemos construir adequações construtivas, com autonomia e experiência. Segundo John Dewey:

A diferença entre o estético e o intelectual, portanto, são um dos lugares em que a ênfase recai sobre o ritmo constante que marca a interação da criatura viva com seu meio. A matéria suprema das duas ênfases na experiência é a mesma, como o é também sua forma geral. A estranha ideia de que o artista não pensa e de que o investigador científico não faz outra coisa resulta da conversão de uma divergência de ritmo e ênfase em uma diferença de qualidade. O pensador tem seu momento estético quando suas ideias deixam de ser meras ideias e se transformam nos significados coletivos dos objetos. (Dewey, 1925-1953, p. 78)

Pode-se dizer quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais que se estrutura um ensino de arte, o seguinte:

Capacitar os estudos a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo, por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade.

### 1.3 ESCOLHA PROFISSIONAL

Após um ano no exterior, retornei ao Brasil, dominando os idiomas espanhol e inglês. Aos vinte e cinco anos de idade, resolvi dar continuidade aos estudos, cursando Geografia na Universidade Presidente Antônio Carlos\_ Unipac. Optei por este curso, o qual me fez entender a relação do planeta com o homem.

Depois de graduado em Geografia, pude transmitir o conhecimento aos jovens estudantes da experiência que tive no exterior. Passei a lecionar em escolas de Ensino Fundamental e Médio. Construí uma carreira que, profissionalmente, me engrandece.

Iniciei posteriormente, o estudo em Artes Visuais no CUC (Centro Universitário Claretiano). Aprendi tecnicamente os conteúdos específicos com professores gabaritados, habilitando-me, enfim, a ser professor também dessa disciplina.

No início do curso de Artes Visuais, já lecionava em Escolas Estaduais, com a emissão do Cat.\_(documento que fornece o direito legal de lecionar em Escolas, emitido pela SER\_ Superintendência Estadual Regional). Dessa Maneira, continuei meus estudos com certo respaldo financeiro e, principalmente, pude transmitir os conhecimentos aprendidos. Elaborei vários projetos, com meus alunos, como oficinas de Papel Machê que aprendi, por acaso, ao folhear uma enciclopédia na biblioteca de minha cidade. Alguns projetos também foram planejados objetivando a interdisciplinaridade entre os conteúdos pedagógicos.

Procuro proporcionar chances aos meus alunos, que estão em processo de desenvolvimento, havendo uma troca de conhecimentos. Empenho-me em mostrar um ensino-aprendizagem acessível onde interligar Arte e Geografia é algo válido.

Estas razões me proporcionaram responsabilidade e valorização pessoal, que encontrei no decorrer da minha formação acadêmica, demonstrando que o ensino requer um padrão de qualidade sociocultural voltado ao interesse do aluno e à minha realização profissional.

### Imagens e referências aos objetos artísticos- (criações pessoais)



Artesanato feito com papel machê, biscoit e pátina em madeira.  
Imagens e referências aos objetos artísticos- (criações pessoais)

## 2 ENSINAR E APRENDER ARTE

É necessário ter capacidades, habilidades e competências. Isso se consegue durante um curso de especialização, vivenciado com seriedade, favorecendo a transmissão do conhecimento às pessoas. Procurei através da disciplina “Pesquisa em/sobre Artes Visuais”, entender a formação humana através dos tempos.

A especialização em Artes Visuais me favoreceu, pelo fato de saber desenhar, modelar, pintar e criar objetos artísticos. Já as técnicas artísticas destacadas nos semestres do curso, me ensinaram a fazer planejamentos escolares. Procurei trabalhar com autonomia, sem, todavia deixar de lado a pesquisa da história da Arte. Precisamos evoluir com expectativas que atendam a modernidade, à criação e a imaginação. Por este motivo também que nos faz motivar e gerenciar prazeres em transmitir o que aprendeu. “Aqueles que defendem a Arte na escola meramente para

liberar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas.” (BARBOSA, 2008c, p.21).

O acolhimento do aluno na escola ainda enfrenta muitos obstáculos na disciplina Arte, por não conter materiais e salas adequadas. Com dedicação e eficiência podemos transformar este espaço escolar com idéias que facilita um ensino-aprendizado do aluno.

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2015, p.2)

Dever-se-á também haver uma interação interdisciplinar, para que se tenha qualidade nas aulas e que também as promovam. Um exemplo: Interagir as disciplinas Arte e Geografia, propondo um plano de aula, com o tema “Reciclagem”. Método este, que proporciona ao aluno assimilar melhor os fatos explicados, e conseqüentemente mostrarem entendimento sobre o tema abordado. Fazendo com que ele perceba que reciclando, por exemplo, garrafas pets, literalmente não gerará resíduos na natureza.

Aprender arte requer conceitos também pragmáticos, desde que se tenha uma linha de estudos. E traçar procedimentos que possam estabelecer melhor o modo de lecionar. “O leitor deve ser levado adiante não meramente ou, sobretudo pelo impulso mecânico da curiosidade, não pelo desejo irrequieto de chegar à solução final, mas pela atividade prazerosa do percurso em si”. (DEWEY, 1928-1953, p. 62.).

Há de se esperar que o aluno, além de descobrir caminhos, desenvolva também a sua compreensão da disciplina Arte. Aliar teoria a prática favorece isso, e podemos exemplificar com uma aula de escultura em papel machê<sup>1</sup>.(veja o projeto abaixo).

Estudar sobre a História da Arte, sob diferentes aspectos, me alertou para a questão de que os estudos teóricos ampliam o ensino-aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Papel machê (palavra originada do francês *papier machê*, que significa papel picado, amassado e esmagado) é uma massa feita com papel picado embebido na água, coado e depois misturado com cola e gesso. Com esta massa é possível moldar objetos em diferentes formatos, utilitários ou decorativos.

Concluí que, para ensinar Arte não basta ter somente habilidade, mas também conhecer os estudos nessa disciplina e projetar o papel da arte em suas diferentes expressões.

A principal técnica artística, da qual utilizo, buscando melhores resultados é o papel machê, pelo fato de ser uma oportunidade de produzir arte na escola através da reciclagem, reutilizando o que é descartado na escola, podendo ser trabalhado de forma lúdica e artística as habilidades manuais dos alunos e ampliar a consciência ambiental dos mesmos.

Dedico-me, atualmente ao trabalho com papel machê, dadas as peculiares características deste material e o fato de resultar na completa reciclagem de qualquer tipo de papel.

Esta técnica é uma proposta de responsabilidade social em relação à vida presente e futura do planeta em que vivemos. Concretizar-se-á através de estudos envolvendo palestras, atividades dentro e fora da sala de aula com os alunos e exposições posteriores da arte feita, produzindo em cada um, a consciência baseada numa proposta sustentável.

O ensino de arte na educação básica ministrado nas escolas brasileiras é obrigatório e obedece a determinações contidas nos diversos documentos promulgados pelo Governo, através do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Ensino. São Leis, Decretos, Resoluções, Portarias etc. Acima de todos está a LDBEN – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/ 96 e pode ser encontrado no artigo 26, § 2º:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

[...]

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010) (BRASIL, 1996).

Educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio é o que atualmente é denominado de Educação Básica.

Há, então, a obrigatoriedade do ensino de Artes, professores são contratados, aprovados em concursos e estão presentes em todas as escolas de Educação Básica, tanto da Rede Pública como da Rede Particular e documentos

como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – que tornam claro os objetivos da disciplina. Contudo, as aulas, na maioria das instituições de ensino não são ministradas com a devida seriedade, ou seja, obedecendo as determinações legais quanto os objetivos da referida disciplina.

O resultado da não observância da legislação pertinente ao ensino de arte, a falta de orientação pedagógica nas escolas e outros motivos levam a situação de aulas de arte sem o menor sentido, desinteressantes, sem valia para o aluno em seu processo de aprendizagem, construção do conhecimento e desenvolvimento.

Frente o problema acima exposto, há urgente necessidade de que o ensino de Arte receba maior atenção por parte dos órgãos de classe competentes e à docência. Os professores precisam ser conscientizados da importância de sua disciplina na formação do indivíduo e que a arte deve ser conhecida por todos e exercitada, produzida por muitos. No atual contexto do ensino de Arte, nas escolas de Educação Básica, torna-se limitado exercer o ensino-aprendizagem, devido ao desinteresse do aluno, frente às diferentes áreas: música, pintura, dança escultura outros. Infelizmente, as aulas se resumem em exposições sobre algum tema, exibição de algum vídeo, estudo de biografias de artistas etc. Isto é muito pouco, insuficiente para que sejam atingidos os objetivos do ensino de artes na Educação Básica, como estabelecidos nos PCNs. No texto dos PCNs – Arte pode ser lido:

A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa às comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar. (BRASIL, PCN- Arte, 1997, p. 26)

Ente os objetivos estabelecidos pelos PCNs para o ensino/aprendizagem de arte merecem destaques:

- expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções; (BRASIL, PCN- Arte, 1997, p. 26)

Para os que militam nas escolas como professores de artes ao tomarem conhecimento da legislação fica claro que o tema proposto é oportuno. Carece que sejam feitos estudos mostrando a realidade e as possibilidades de, além da teoria

costumeira, de que o ensino de arte na Educação Básica seja direcionado para a prática e uso de materiais diversificados, de preferência recicláveis, para produção artística, respeitando o olhar do educando.

## AS AULAS DE ARTE NAS ESCOLAS BRASILEIRAS – PEQUENO HISTÓRICO

No ano de 1816, com a vinda da Missão Francesa, promovida por D. João VI, quando da estadia da Corte Portuguesa no Brasil, se dá a implantação da Academia Imperial de Belas Artes. O ensino de artes na Academia era caracterizado por obediência a regras muito rígidas.

Era ensinado aos alunos o exercício do desenho sob inspiração de modelos vivos, estampas e retratos. Somente os econômica e socialmente privilegiados podiam frequentar a Academia. Cabe ressaltar que a formação de desenhistas era a marca do ensino de artes até a década de 1870. (BUNICOSKI, 2015, p. 34)

Em decorrência das transformações sociais, políticas e econômicas advindas da Proclamação da República -1889 - ocorrem as reformas na regulamentação do ensino, inclusive no ensino das artes. Neste momento:

[...] a educação é utilizada como estratégia para a efetivação das mudanças. O ensino de arte utiliza o desenho como linguagem da técnica e da ciência, valorizadas como meio de redenção econômica do país e da classe obreira, que engrossara suas fileiras como recém-libertos. (BARBOSA, 2002 *apud* BUNICOSKI, 2013, p. 34).

No início da década de 20, século passado, o ensino de artes foi introduzido no currículo escolar das escolas brasileiras para funcionar como apoio a outras disciplinas ministradas. O ensino de artes neste momento tinha por marca o exercício de cópia. Não eram dadas oportunidades aos aprendizes para mostrarem suas capacidades criativas. (BUNICOSKI, 2013, p. 34).

Bunicoski (2013, p. 34/35) lembra que: “O marco transformador do ensino de artes aconteceu na Semana de Arte Moderna em 1922, no qual Mário de Andrade e Anita Malfatti traziam o ideal de livre expressão”.

Para Barbosa (2005, p. 44), “a grande renovação metodológica no campo da arte-Educação se deve ao movimento de Arte Moderna de 1922”. Tal ideal era uma defesa de que a arte não precisava ser ensinada. Trata-se de uma livre expressão dos sentimentos. Tal ideia já encaminhava para a ideia de que o ensino de artes é um ensino diferenciado dos demais que se dão na escola. É mais uma oferta de oportunidade para que os talentos se manifestem.

A ideia da livre-expressão, originada no expressionismo, levou a ideia de que a arte-educação tem como finalidade principal permitir que a criança

expresse seu sentimento e à ideia de que a Arte não é ensinada, mas expressada. Esses novos conceitos, mais do que aos educadores entusiasmaram artistas e psicólogos, que foram os grandes divulgadores dessas correntes e, talvez por isso, promover experiências terapêuticas passou a ser considerada a maior missão da Arte na Educação (BARBOSA, 2005, p. 45).

Ainda que a ideia tenha nascido em 1922, a concepção de arte como livre expressão, o reconhecimento e a implantação da ideia no ensino regular de arte no Brasil, pelo menos em termos legais, ocorrem somente em 1948, conforme informação de Barbosa (2005, p. 46). Diz ainda a autora que a partir de 1948, com a criação da Escolinha de Arte, que passa a ser difundido que o objetivo da arte é o desenvolvimento da capacidade criadora. O que deve ser respeitado nas escolas de Educação Básica.

Durante a primeira metade do século XX: “[...] o desenho continua como conteúdo no currículo escolar, e aparecem ainda o canto orfeônico, a música e os trabalhos manuais, nos quais os conteúdos eram apenas reproduções, metodologia própria da pedagogia tradicional”. (BUNICOSKI, 2015, p. 34). Diz ainda a referida autora, “O ensino de arte na escola, sob a denominação de educação artística, foi promulgada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692/71”. (BUNICOSKI, 2013, p. 34).

Ainda que sob determinação legal, como uma proposta de educação artística como disciplina escolar, deve-se notar a existência da implicação de que a disciplina deveria informar e formar. Formar no sentido de oportunizar o despertar de talentos artísticos. Infelizmente, sob a égide da 5.692/71, as aulas eram entregues a professores de outras disciplinas, a pessoas sem formação para o magistério. Por exemplo: um pianista facilmente se tornava professor de educação artística. Um pintor também. Verdade é que cada um ensina o que sabe. Ocorria que os professores montavam seus planos conforme seus pendores. Música, pintura, desenho. “Por conta da falta de conteúdos as aulas de artes eram baseadas no fazer artístico, que relegou a disciplina um lugar de inferioridade diante das demais disciplinas”. (BRASIL, PCN/Arte, 1998).

A conquista da obrigatoriedade do ensino de artes como disciplina vem com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – Lei 9.394 de 1996, em seu artigo 26, modificado, como já foi dito acima, pela Lei nº 12.287 de 13 de julho de 2010. “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996, art.26 §2º).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) na Introdução diz:

Arte tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades. A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, PCN-Arte, 1997, p.19).

Assim, a arte, como disciplina escolar, deixa de ser facultativa ou atividade educacional e torna-se parte integrante do currículo, estruturada com fundamentação teórica, encaminhamentos metodológicos e avaliação. A arte passa a fazer parte integrante do currículo e há hoje o convencimento, por parte de muitos, de que ela é importante para o desenvolvimento da capacidade produtora de cultura pelos homens. Diz Barbosa (2015, p. 2)

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2015, p.2)

Os conteúdos de Arte (visuais, música, teatro e dança), são orientados pelo PCN, onde está claro que o aprendiz deve receber uma formação artística e estética. No referido documento não estão definidas as modalidades artísticas de cada ciclo de ensino, o que propicia condições para que as escolas definam seus projetos. Então, a responsabilidade da escola no que diz respeito ao ensino de arte é grande. Para aqueles que militam no conteúdo Arte na Educação Básica tal responsabilidade não é notada. O professor de artes planeja segundo seus próprios critérios. Esta forma de lidar com o ensino de artes não tem sido produtiva. Bom seria que a equipe pedagógica e o professor internalizassem e passassem a observar:

[...] os conteúdos da área de Arte devem estar relacionados de tal maneira que possam sedimentar a aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental. Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. (BRASIL, PCN/Arte, 1997. p.55).

Fazer o aluno entender o que é, como se faz, para que serve a arte merece maior dedicação por parte dos professores e equipes pedagógicas das escolas. Dentro da Lei e das instruções, como o CBC – Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental, elaborado pela Secretaria de Estado da Educação do Estado de Minas Gerais em 2008 e revisado em 2014, é possível perseguir os objetivos estabelecidos para o ensino de arte na Educação Básica. É preciso que os educadores entendam e façam os alunos entenderem que:

A arte capacita o homem a não ser um estrangeiro em seu meio estrangeiro nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar do qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo. A arte na educação, como expressão pessoal e como cultural, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. (BARBOSA, 2008, p. 99)

Para atender as necessidades dos alunos, da escola, dos professores e favorecer o processo de aprendizagem faz-se necessário discutir e tomar decisões em equipe. Tal se aplica ao ensino de artes. Um bom caminho a ser trilhado é aquele que busca/opta por opções que chame a atenção para os problemas enfrentados pela sociedade contemporânea. Poluição, esgotamento de recursos naturais, danos ao meio ambiente, desmatamento, ausência de responsabilidade e uso da reciclagem são campos possíveis de serem explorados nas aulas de arte em nível de Educação Básica. Indiscutivelmente o professor de artes deve se envolver com projetos pedagógicos em artes visuais usando processos escultóricos em sala de aula. O papel machê é capaz de produzir resultados surpreendentes. É um trabalho que pode oferecer meios para o preenchimento do vazio interdisciplinar existente nas escolas de Educação Básica.

### **3 OPÇÕES A SEREM UTILIZADAS PARA QUE AS AULAS DE ARTE SEJAM MAIS PROVEITOSAS E CONSOANTES À LEGISLAÇÃO**

Reafirmando, poluição, esgotamento de recursos naturais, danos ao meio ambiente, desmatamento, ausência de responsabilidade e uso da reciclagem são campos possíveis de serem explorados nas aulas de arte em nível de Educação Básica. Além de possíveis são interessantes porque oportunizam a valorização da

disciplina e despertam o interesse dos alunos, como também conscientizar para as questões ambientais.

Explorar, por exemplo, a escultura de forma a dar ao aluno oportunidade de praticar mostra-se como uma boa opção para as aulas de arte.

A escultura é uma entre muitas outras opções.

A escultura é parte integrante das artes visuais e tem importância fundamental para o reconhecimento de aspectos tridimensionais. Na busca de técnicas que fomentem maior amplitude no crescimento criativo dos estudantes das escolas básicas concluí que uma das formas para superar as deficiências encontradas na realidade da escola pública, no que se refere à escultura, a melhor maneira de se trabalhar com escultura e seus conhecimentos inerentes é com o papel. A escultura em papel é uma das possibilidades do trabalho com arte que inclui produções artísticas de autores renomados e do próprio aluno. (BUNICOSKI, 2013, p. 34).

O trabalho com escultura nas aulas de artes apresenta como vantagem a oportunidade de interdisciplinaridade com Geografia e meio ambiente porque pode ser exercitada a arte de esculpir e explorar educação ambiental – reciclagem - se a opção for o trabalho com o papel machê. O trabalho com papel machê é uma oportunidade de produzir arte na escola através da reciclagem. Quanto papel é desperdiçado numa escola?

Sendo uma boa opção, entre tantas, oportuno é mostrar as vantagens do trabalho com escultura do papel machê nas escolas.

### 3.1 PAPEL MACHÊ – ARTE COM SUSTENTABILIDADE

O trabalho com papel machê é uma oportunidade de produzir arte na escola através da reciclagem, dando destino politicamente correto a grande quantidade de papel descartado numa escola.

Produzir esculturas com papel machê nas aulas de arte constitui uma forma contemporânea de reduzir os problemas ambientais causados pelo processo industrial de fabricação. Ainda, além de reduzir o desperdício de materiais que custam muito para a natureza, podem ser trabalhadas de forma lúdica e artística habilidades manuais dos alunos e, o mais importante, ampliar a consciência ambiental dos alunos.

Sendo uma boa opção, entre tantas, oportuno é mostrar como pode ser trabalhada a escultura com papel machê.

Os processos de produção de arte – escultura - utilizando o papel machê nas aulas de arte na Educação Básica constituem oportunidade de aulas práticas, trabalho interdisciplinar para mostrar problemas ambientais enfrentados pelo mundo atual e discutir formas de contribuir para a conservação e respeito ao meio ambiente.

Assim sendo, trata-se de uma proposta onde a prática é introduzida na sala de aula e, também, um momento onde podem ocorrer estudos e pesquisas sobre história da escultura. Representa um momento onde podem ser criadas oportunidades para o incentivo ao desenvolvimento de propostas que planejem e possibilitem processos escultóricos, promovendo a experimentação de técnicas de construção de objetivos significativos na vida cultural da comunidade onde está inserida a escola.

Formas envolvendo esta técnica, no conteúdo da disciplina Arte, proporcionam uma aprendizagem artística capaz de fortalecer e agregar condições que contribuirão para o crescimento do aluno. Vale frisar que é momento com claras condições para implementação do trabalho interdisciplinar que podem reunir as aulas de arte com as de geografia e de história. O português, sempre indispensável, também pode ser parte do grupo, pois sempre será necessário uma produção de texto, ainda que pequeno.

Dentre as variadas atividades práticas que podemos passar em sala de aula, existem aquelas que exigem material apropriado. Nem sempre nós professores temos como oferecer esse material ao aluno. Muitas vezes a escola não disponibiliza por falta de recursos ou burocracias, que não vem ao caso nesse momento. O fato é que o aluno também não tem como trazer de casa. Dessa forma, em vários casos, é na ausência dessa material que, nós professores, encontramos justificativa para o não cumprimento das aulas práticas. O ideal para essas aulas, não só em Artes, mas em qualquer disciplina, é que os recursos sejam abundantes ou pelo menos suficiente para a efetiva aprendizagem. É isso que nós acreditamos e queremos para o enriquecimento de nossas aulas, porém enquanto esse recurso não chega até nossas mãos, temos que, juntos, buscarmos alternativas usando sempre a nossa criatividade, interesse e inovação. (GARCIA, 2015, p. 1)

Para que as aulas de artes saiam da teoria, entrem no terreno da prática, se tornem atraentes para os alunos e gratificantes para os professores, basta olhar em volta, dentro do próprio ambiente escolar e soluções criativas serão encontradas, como é o caso do trabalho com a escultura com papel machê. Papel machê produzido através da reciclagem dos papéis descartados na escola e que muitos alunos conseguem facilmente em suas casas e em suas comunidades: jornais e revistas, papelões descartados pelas lojas, entre outros.

O trabalho de produção de esculturas com papel machê, bem planejado e executado com o envolvimento de professores e alunos pode transformar as salas

de aula em verdadeiras oficinas para que os alunos produzam peças sob a inspiração do ambiente que o cerca e para ilustrar datas comemorativas como dia das Mães (produção de lembrancinhas) e outras datas, para enfeitar as salas, por exemplo.

Indiscutivelmente o professor de arte deve se envolver com projetos pedagógicos em artes visuais usando processos escultóricos em sala de aula. O papel machê é capaz de produzir resultados surpreendentes. É um trabalho que pode oferecer meios para o preenchimento do vazio interdisciplinar existente nas escolas de Educação Básica.

A paixão pelas artes decorativas levou-me a trilhar um percurso profissional com originalidade, direitos e deveres artísticos.

Hoje nutro um interesse especial pelo papel machê dadas as peculiares características deste material e o fato de resultar da completa reciclagem de qualquer tipo de papel. Com uma carência complementar ao ensino-aprendizagem escolar, isso faz meu trabalho se complementar.

Por fim, meu objetivo central é fazer realizar através de projetos pedagógicos em artes visuais usando processos escultóricos em sala de aula, o papel machê, que nos surpreende com tamanha eficiência interdisciplinar em uma escola.

Esta técnica é uma proposta de sensibilidade sobre a responsabilidade humana em relação à vida presente e futura, no planeta. Concretizar-se-á através de estudo, palestras, apresentações e atividades valendo-se de aulas expositivas, o trabalho em cooperação com os alunos cada um ao seu modo e todos juntos, crendo na proposta sustentável que é o papel machê.

Para Santos (2006) as escolas brasileiras ainda mantêm uma forte relação com a tradição europeia, a qual valoriza o saber profundo, ou seja, faz uso da cultura livresca que não condiz com a realidade do nosso país. Dessa forma, as escolas têm adotado uma visão monocultural e eurocêntrica, onde se acredita que só há uma cultura e que essa é a europeia, deixando de explorar e valorizar as inúmeras culturas que formam nossa sociedade.

Os PCNs acrescentaram conteúdos da história africana na educação básica, abordando a “pluralidade cultural” como tema transversal a ser trabalhado em todo ensino fundamental. Os mesmos trazem para o âmbito da escola a importante discussão das relações raciais no Brasil e o combate ao racismo (ABREU; MATTOS, 2008, p. 6-9).



Exemplo: projeto desenvolvido pelos meus alunos.

Aula explicativa contra o preconceito racial e a valorização da cultura afro-brasileira.



Arte em exposição na Escola Estadual Centro Educacional Lima Duarte em Antônio Carlos – MG ( trabalhos produzidos pelos meus alunos e registrada por mim).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflico que seja necessário implantar nas escolas de Educação Básica, principalmente, a consciência de que Arte não significa serventia apenas para a decoração de murais e painéis ou apresentações coreográficas em datas comemorativas. A Arte é mais do que isso, ela se mostra presente em todos os momentos da história humana, manifestando-se através da criatividade, do raciocínio e da sensibilidade. Em suma, não deve ser vista como um provedor de dom artístico, mas também como caminho de dignidade, de uma profissão, de se ter oportunidades, de escolhas. A Arte transforma as pessoas, agrega valores, tira o jovem da rua, dando-lhe chances de ser uma pessoa melhor, inserindo qualquer indivíduo numa realidade que pode dar certo. A arte constitui um resgate, de crenças, atitudes, comportamentos, idéias e ideais. Como profissional na área de Arte, tento proporcionar a cada dia tamanha consciência ao jovem e à criança, desmistificando a disciplina, dando-lhes suportes para que ousem, para que se inspirem e vejam uma saída para as próprias vidas através do ensino-aprendizagem. Com o trabalho que realizo inclui o do papel machê, além da participação ativa e prática dos alunos, há uma oportunidade do trabalho com reciclagem. Isto, num momento em que a educação ambiental se faz tão necessária e oportuna para o trabalho interdisciplinar.

Creio que é preciso ver o ensino de Arte como uma forma de educar para a vida no mundo contemporâneo, além de mostrar a evolução e a variedade dos trabalhos artísticos através dos tempos. A cada momento, o trabalho artístico anda lado a lado com as condições e necessidades da sociedade atual. Também não deve ser esquecido que os alunos devem se conscientizar de que a Arte praticada no cotidiano se transforma em documento histórico a ser estudado e apreciado no futuro. Não se pode esquecer a Arte como campo de conhecimento, especialmente em termos artísticos. Grandes detalhes e particularidades deverão ser relevados em virtude de sua especificidade no presente contexto. É importante também salientar a visão da cultura local, como um todo, sendo altamente problemático, na medida de definições e definidores, e na apresentação regional, especialmente em termos econômicos. O Ensino de Arte não tem o objetivo de formar artistas, mas forma

público. E para tal deve-se estudar Arte, seja com que técnica for. Esse é o diferencial de um Arte educador para um professor de educação artística.

## BIBLIOGRAFIA

BARROSO, E. (S/D). *O QUE É ARTESANATO?* Acesso em 10 de 11 de 2015, disponível em fbes: [www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato\\_mod1.pdf](http://www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf)

Dweye, J. (1925-1953). *arte como experiência*. (V. Ribeiro, Trad.) Martins.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação contemporânea: Consonâncias internacionais*. 2. Ed. São Paulo; Cortez, 2008.

HUGUENIN, Gilmar. *O que é Papel Machê*.

Disponível em: < <http://ensinopapelmache.blogspot.com.br/2012/03/o-que-e-papel-mache.html> > Acesso em: 5 nov. 2015

GOUTHIER, Juliana. *História do Ensino da Arte no Brasil*. In: *Curso de Especialização em ensino de artes visuais a distância - Vol.1* Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COSTA, E.G.M. *Reflexões sobre a educação continuada professores de E/LE*. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 5, 2008, Belo Horizonte. Caderno de Resumos...* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. p.84

PIMENTEL, L.G.. *Orientações Pedagógicas: Arte Brasileira no Século XIX*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008. 10p.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ABREU, M; MATTOS, H. Em torno das “diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.21, n.41, p.5-20, jan.-jun. 2008.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>

Acesso em: 3 nov. 2015

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.130p.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>

Acesso em: 03 nov. 2015

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.130p.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2015

BUNICOSKI, Marli Maria. Escultura em papel: fazendo arte na educação básica.

**Monografia**. Universidade Federal do Paraná. 2013

Disponível em:

<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/35938/Marli%20Maria%20Bunicoski.pdf?sequence=1>>

Acesso em: 15 nov. 2015

FIGUEIREDO. Lenita Miranda. **História da arte para crianças**. São Paulo: Pioneira, 1991.

GARCIA, Fabiola. \material para aulas práticas de arte. **Articulando arte na sala de aula**.

Disponível em: <<http://articulandonaescola.blogspot.com.br/2011/10/material-para-as-aulas-praticas-de-arte.html>> Acesso em 5 nov. 2015.

## **Anexo – Proposta de plano de aula: Projeto Pedagógico.**

### APRESENTAÇÃO:

Esta proposta vem a se desenvolver com ações usando papéis reutilizados, onde se deixa de molho em um recipiente com água para se umedecer por completo. Após este processo, escorra a água e misture com cola e gesso, fazendo movimentos até que fique literalmente como uma massa. Conseqüentemente, usando a criatividade podem-se modelar inúmeros objetos artísticos. Esta técnica causa a sensibilidade sobre a responsabilidade humana em relação à vida presente e futura, no planeta. Concretizar-se-á através de estudo, palestras, apresentações e atividades de impacto.

### OBJETIVO:

Propiciar um clima de sensibilização, que desperte para o cuidado da vida do planeta e para a consciência de que as necessidades de hoje devem considerar as demandas de amanhã. E Priorizar a clareza quanto às facilidades de domínio no Ensino de Artes visuais.

### JUSTIFICATIVA:

Acreditamos que o pertencimento social dá-se também através da compreensão de que cada cidadão, sendo um “fio do grande tecido da vida”, tem, assim como todos os seus semelhantes, potencialidades e responsabilidades no tempo e espaço em que vive, e que cada um, participando, fortalecendo e ampliando os vínculos comunitários, é capaz de colaborar na prevenção de riscos dentro da própria comunidade.

### PÚBLICO ALVO:

Comunidade educativa.

A importância de se trabalhar as Artes Visuais dentro de sala de aula, especificamente arte Tridimensional (Modelagem com papel-machê), adquire-se perspectivas de uma linguagem, identificando o desenvolvimento na aprendizagem. Conquistando ao Ensino de Artes Visuais, diferentes benefícios que oferece uma ajuda regular ao educador e principalmente ao educando.

Exemplos:

- Postura Lombar
- Maleabilidade com as mãos e centralização da visão.
- Melhoria da motricidade.
- Ampliar a capacidade de criatividade.
- Planejar diferentes aulas.
- Conscientização de reciclagem
- Melhor convívio social com o Meio Ambiente; dentre outros.

#### ATIVIDADES:

Pode-se trabalhar com alunos de diferentes idades. Estas idéias podem ser conjugadas com os ensinamentos do professor ou partindo de sua percepção criativa. Levando-os a aguçar a criatividade, e perceber com o material, a fragilidade que remete em explorar grandes curiosidades.

Tais atividades proporcionam diferentes criações, enriquecendo ao Ensino-aprendizagem em Artes visuais, buscando entender o melhor conceito de arte e confirmando um excelente interesse dos alunos.

Segue algumas sugestões:

- Trabalhar com a proposta “desperdício zero”
- Montagem das peças com estruturas de produtos reciclados.
- Uma grande importância é reaproveitar tudo que possa ser útil na peça em elaboração.

Exemplo: garrafas pet, embalagens descartáveis, papel A4, bandejas de ovos, tampinhas, sacolinhas plásticas, isopor, papelão, etc.

-Trabalhar o tema escolhido através de ideias criadas pelo poder de aderência e longa vida da peça produzida.

A modelagem conduz também ao aluno uma importância em expressar os sentimentos. Com isso os educadores possam refletir as inúmeras formas de ativar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dos alunos ,concretizando em seus planejamentos mais aulas práticas .

#### TÉCNICAS ESPECIAIS:

a) todos em geral

- Transmitir o conhecimento para elaborar peças de própria criação, para uma aprendizagem permanentemente conhecida dos valores da arte tridimensional (modelagem) , uma afinidade do trabalho, ou melhor ainda, da aparência e da forma final do objeto, para uma consciência ecológica de reciclagem e futuro meios de geração de renda.

b) por turma:

- Confeccionar, com papel machê, produtos que mostra o valor do reconhecimento de trabalhar, através do Ensino de Artes, uma grande capacidade de informação e aproveitamento à noção de relevo ou alto-relevo, finalizando uma escultura com um acabamento policromático.

Exemplos de objetos artísticos que se pode ser confeccionados:

- Namoradeiras
- Cestas de frutas ou para festas
- Lembrancinhas de aniversário, e outros.
- Imãs de geladeira
- Móviles
- Vasos para decoração
- Flores ornamentais
- Animais para jardins
- Porta-retratos
- Bijuterias
- Utensílios decorados
- Esculturas religiosas

\* Trabalhar, com a sensibilização em relação ao tema. (importância em acabamento)

\* Proporcionar o cuidado pessoal, promovendo uma consciência do material utilizado.

#### CRONOGRAMA DE TRABALHO

1° passo:	2° passo:	3° passo:
Montagem dos objetos escolhidos com o máximo de material reciclado.	Técnica de revestimento com O papel-machê. * deixar secar pelo menos uma semana.	Cobrir partes que você acha necessário para fins de textura lisa com massa Plástica.

4° passo:	5° passo:	6° passo:
Deixar secando em ambiente ventilado por no mínimo 24 horas.	Lixar partes da massa plástica, para uma melhor visão de naturalidade.	Retirar com um pano meio úmido todo o pó deixado pela lixa.

7° passo:	8° passo:	9° passo:
Usar tintas especiais PVA, e pigmentos de sua preferência.	Usar pincéis específicos para cada área oferecida. (secagem 24 horas)	Passar por toda peça verniz artesanal que tenha transparência absoluta. (secagem final 24 horas)

**Obs.** Este cronograma de trabalho será específico para trabalhar com os alunos até o dia da feira cultural, os colocando aptos como monitores a todos interessados em aprender.

#### PRODUTO FINAL.

O Projeto será apresentado com aulas teóricas com um coordenador artístico, expandindo suas técnicas para todos interessados na escola, com apostilas explicativas com passo a passo. É aberto a toda comunidade, alunos, professores, etc. Os alunos da EJA 7º ano e 2º ano estarão coordenando todos os procedimentos necessários para que todos interessados aprendam esta espetacular arte tridimensional. Aquele que for capaz de concluir poderá levar para sua casa.